

Um olhar Bachelardiano a *Náusea* de Agostinho Neto

Hélder Simbad*

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0002-2299-8428>

Resumo: O presente artigo visa analisar à luz da poética de Gaston Bachelard o conto *Náusea* de Agostinho Neto. Com efeito, em se tratando duma abordagem psicocrítica, no plano teórico, colocaremos em diálogo campos categoriais como a psicologia e a literatura, para, posteriormente, aplicar a “Psicologia das águas violentas” de Gaston Bachelard ao conto de Agostinho Neto, reforçando com DSM, para melhor compreensão das atitudes dos personagens. Trata-se duma pesquisa de carácter bibliográfico que procura analisar a produção de Neto sob um novo viés.

Palavras-chave: Agostinho Neto; Gaston Bachelard; Náusea; Psicocrítica

Kutalesa kwa Bachelardiano a Kuzemba kwa Agostinho Neto

Kakibandu Kaká kazanbula ykexilu wa poética ya Goston Bachelard misoso Kuzemba kwa Agostinho Neto. Mukiki, mukumbangela kwila wa kwihula kwa ixinganeku, mukexulu wa kixinganeku, twazwelesa ibuka ya ukexilu umoxi ni ixinganeku ya jisabalu muhadya kwita "kwijunganeku ya menya a udinda" a Bechelard mu misoso ya Agostinho Neto, mukukukolesa no DSM, mukutetulukwa kyambote ubangelu wa athu. Uzambwilu walungu ni mikanda itens kuzambula kikalskalu kya Neto kyalungu no kutalesa kwengi.

Maba -angunji: Agostinho Neto; Goston Bachelard; Kuzemba kufula kwa ixinganeku.

“Que outra liberdade psicológica temos nós, senão a liberdade de sonhar?
Psicologicamente falando, é no devaneio que somos livres.”
Gaston Bachelard (1989)

Introdução

As ciências humanas são caracterizadas por essa possibilidade de dialogarem entre si. A Literatura, enquanto arte, é também um domínio estudado por vários psicólogos ou filósofos de orientação psicológica, isto porque os produtores de textos literários são movidos por um impulso criativo e, em se tratando de texto narrativo, atribuem traços psicológicos às personagens que podem ser estudados a partir de várias teorias comportamentais.

Abordaremos a obra “ *Náusea*” de Agostinho Neto tomando como procedimento analítico-literário a Psicocrítica, de uma forma mais abrangente, e, de forma mais específica, a teoria da psicologia das “Águas Profundas” do capítulo II: “As Águas profundas – As Águas Dormentes – As Águas Mortas. “A Água Pesada” no Devaneio de

* é escritor e Crítico Literário, nasceu em Cabinda, Angola aos 13 de Agosto de 1987. É licenciado em Línguas e Administração pela Universidade Católica de Angola e Mestrando em Ensino das Literaturas em Língua Portuguesa pelo Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda-Angola.

Edgar Poe” e a teoria da “Psicologia das águas violentas”, descritas no 8º capítulo do livro “A Água e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria” de Gaston Bachelard (1989).

O nosso trabalho é essencialmente bibliográfico e, como métodos de pesquisa, recorreremos ao indutivo e ao dialético para melhor interpretação da obra a que nos propusemos analisar e porque atuamos exatamente no domínio da Crítica Literária que é, na verdade, um espaço de enfrentamento dialético. A Literatura é uma das formas de se dizer tudo: um material no qual se objetivam ideias, sentimentos, denúncias, etc., cuja leitura nos permite revisar criticamente a história.

Por consequência dessas características aludidas acima, sendo o conto “Náusea” um texto escrito num contexto de dominação colonial, por um autor conhecido pelo seu engajamento político-literário, é natural que esteja permeado de denúncias e que espelhe com exatidão a realidade objetiva daquela época, veiculando um pensamento simultaneamente singular e coletivo. Em vista disso, a partir do protagonista do conto de Agostinho Neto, Velho João, um “personagem tipo¹” que transmite o olhar dos africanos de uma época histórica, com este artigo, objetivamos responder a pergunta “ como. por via do protagonista da narrativa, o mar se configura no imaginário africano colonial?”

O mar, em kimbundu “Kalunga”, é um signo que se constitui para o africano como uma moeda de duas faces, para o bem e para o mal. Entretanto, no conto a ser analisado neste trabalho, ele tem um significado inóspito por se configurar, em primeiro lugar, como a porta de entrada do colonizador; em segundo lugar, como o caminho de passagem dos negros que eram levados para serem escravizados e nunca mais voltaram e, por fim, como lugar agonizante de perdas de ente queridos.

Optamos por este tema, *Psicocrítica e um olhar Bachelardiano a Náusea de Agostinho Neto*, porque pretendíamos apresentar uma abordagem que se distanciasse completamente de toda a fortuna crítica produzida sobre as obras de Neto em Angola e fora do país, algumas das quais repetitivas, sobretudo as monografias as quais já tivemos acesso. Outrossim, em termos teóricos, no universo da pesquisa teórico-literária angolana, Gaston Bachelard (1989) é um autor pouco explorado e, em primeira instância, permite-nos dar o ar de novidade que pretendemos ao nosso artigo e, o mais importante,

¹ Em termos teóricos-literários, uma personagem tipo é aquela que representa uma colectividade, são personagens-modelo. Entendemos velho João como personagem tipo porque no contexto em se está inserido, o colonial, representa todo um povo, ou seja, as vozes individuais são, na verdade, as vozes silenciadas.

“As psicologias das águas profundas e das águas violentas” é uma teoria que se adequa perfeitamente ao tecido narrativo em análise.

Agostinho Neto nasceu em Kaxicane, região de Ícolo e Bengo (1922-1979). Médico Formado pelas Universidades de Coimbra e Lisboa, foi presidente do Movimento Popular de Libertação de Angola e, em 1975, tornou-se o primeiro presidente de Angola até 1979. Em 1975-1976, foi-lhe atribuído o Prêmio Lenine da Paz e foi galardoado como Prêmio Lotus e o Prêmio Nacional de Literatura. Em paralelo, desenvolveu uma atividade literária, com especial enfoque na poesia².

Este artigo tem como objetivo debater as relações entre a Psicologia e a Literatura, analisar o comportamento do protagonista do conto “ Náusea” de Agostinho Neto à luz da psicocrítica, servindo-se do DSM5 e, por fim, aplicar os conceitos Bachelardianos de “água” à narrativa por nós eleita. O presente trabalho, comporta uma introdução; uma discussão, que se desenvolve em quatro tópicos: 1 Da Literatura à Psicologia: A Psicocrítica, 2 A propósito do livro “A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria”, 3 Recensão Crítica do Conto Náusea, 4 A Psicanálise da água em “ Náusea”; e naturalmente uma conclusão, seguindo a estrutura comum dos trabalhos acadêmicos.

1. Da Literatura à Psicologia: A psicocrítica

A obra literária é um material no qual se objectivam ideais que podem ser analisadas sob vários vieses. Essa condição da obra literária faz com que os Estudos Literários se constituam como um campo multidisciplinar, no qual, por via de um exercício crítico de transdução literária, teorias de outros campos categoriais podem ser convertidas em teorias literárias. Com efeito, a psicologia será uma dessas áreas que auxilia o exercício crítico fornecendo ferramentas adequadas para análise científica do comportamento das personagens com traços humanos.

A relação entre a Literatura e a Psicologia é de complementaridade. Toda produção literária decorre dum ato psíquico. Porém, é interessante recordar que a literatura, enquanto manifestação artística está na base do surgimento duma área que revolucionou os estudos sobre o comportamento humano: a Psicanálise. Por conseguinte, sabe-se que, por um lado, os estudos literários – por via das descobertas de Freud, que se serviu da literatura de Sófocles³ e de Shakespeare⁴ para elaborar uma das suas principais teorias

² Nota biográfica extraída da Antologia de Contos Angolanos Pássaros de Asas Abertas, editada pela União dos Escritores Angolanos em 2016.

³Obra: Édipo-Rei

⁴ Obra: Hamlet

conhecida como “Complexo de Édipo” – proporcionou à psicanálise a possibilidade de deixar “o campo estritamente médico para ter acesso à teoria geral do psiquismo e do devir humano” (Marini,1997); por outro lado, não se pode negar que a psicanálise literária também terá modificado o quadro da crítica literária.

A expressão Psicólogo Literário é usada por Gaston Bachelard para designar o Crítico Literário que interpreta o texto literário à luz das teorias da psicologia. Assim sendo, a sua missão não será propriamente a de um psicólogo propriamente dito que traça um quadro diagnóstico e prescreve terapias, mas sim de um analista que procura explicar os processos psicológicos através da obra, tendo a clara noção de que o texto literário configura como diria Carlos Reis (1995) em seu *O Conhecimento da Literatura*, “um universo ficcional”.

Queremos dizer que os conceitos de psicologia aplicados à obra só terão validade se efetivamente houver uma relação direta, por exemplo, com os comportamentos de determinadas personagens que se constituem como transtornos mentais. Outrossim, é importante referir que o Psicólogo Literário não sugere terapias e todo processo psicológico é determinado pelo enredo, em se tratando de uma narrativa, pois, como sugerem (Wellek & Warren, 1955, p.111) “a Psicologia é apenas preparatória do ato de criação e, na obra em si própria, a verdade psicológica só terá valor artístico se realçar a coerência e a complexidade: numa palavra, se for arte”. Logo, o analista terá de ter noção, como já referimos, que está diante de um fato literário e não real.

Por “Psicologia da Literatura podemos querer significar ou o estudo psicológico do escritor como tipo e como individuo, ou o estudo do processo de criação, ou ainda o estudo dos tipos e das leis que estão presentes adentro de obras literárias, ou, finalmente, os efeitos da literatura sobre os leitores. (Wellek & Warren, 1955, p.95), constituindo-se, portanto, como foco da nossa abordagem a segunda dimensão. Segundo Marini (1997), desde as suas primeiras elaborações teóricas, Freud recorre à literatura: a partir de 1787, ele associa a leitura do Édipo-Rei, de Sófocles e do Hamlet de Shakespeare à análise de seus pacientes e à sua autoanálise, para construir um de seus conceitos fundamentais, chamado precisamente de *complexo de Édipo*. Este fato faz com que a história da Psicanálise esteja intrinsecamente ligada aos mitos, aos contos ou, de modo geral, às obras literárias.

Marini (1997) conclui “que o estudo dos textos literários possibilitou à psicanálise nascente deixar o campo estritamente médico para ter acesso à teoria geral do psiquismo e do devir humano” e faz lembrar ainda que a “psicanálise literária também

modificou o quadro da crítica”. Em relação ao peso da Psicanálise para o desenvolvimento da Crítica Literária, Bergez (1997), referenciando também a História e a Sociologia, diz que estas constituíram o sujeito humano em objeto de análise e o texto literário em espaço de conhecimento tanto quanto em meio de fruição estética, o que permitiu que a crítica se torne, na verdade, uma Ciência, ‘mobilizando procedimentos codificados de análise e uma bagagem conceitual precisa. Segundo Marini (1997), a crítica literária psicanalítica é uma crítica interpretativa. Psicanálise será, portanto, igual a análise da psique e, em virtude do domínio em que agora a inserimos, análise do texto. Fruto das especificidades desse procedimento, recorrentemente usam-se expressões do tipo **psicocrítica**, **semanálise**, **textanálise**, **psicoleitura**, etc.

2.Sobre “A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria”

Alvarez Ferreira (2013) considera que, a obra de Gaston Bachelard sobre o imaginário é rica e densa devido ao potencial nela contido, abrangendo fontes e influências diversas, como: os elementos materiais, a alquimia, o idealismo platônico, o bergsonismo, a psicanálise, o romantismo e o surrealismo. Tudo isso é transformado e purificado na retorta alquímica do grande pensador e poeta que foi Bachelard.

Gaston distingue-se dos demais filósofos por abordar as complexidades da natureza de forma poética e transcendental, fundido a razão e a imaginação, enfatizada como princípio que move o devir psíquico.

Geralmente a “água” é descrita por ambientalistas, ecologistas, biólogos, engenheiros, etc., como uma matéria com diversos usos para o ser humano e animais. Existiram outras explicações fora deste padrão, mas entretanto, em “A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria”, Gaston Bachelard apresenta concepções diferentes sobre a natureza e utilidade da “água”, embora reconheça como todos que “ a água” é verdadeiramente o “objecto de uma das maiores valorizações do pensamento humano: a valorização da pureza” (Bachelard, 1989, p.15).

Para o autor, a noção e características da água vai para além daquilo que os manuais ensinam e, numa perspectiva animista, afirma que águas têm vozes, cheiros, cores, sabores; possuem o poder de purificar e de castigar. Essa dimensão dúbia da água reflete-se no conto que aqui analisamos quando o protagonista sente, em primeira instância, a pureza da água a despertar-lhe uma alegria infantil; e , subseqüentemente, despertar-lhe duros sentimentos de nostalgia.

Acentuando a tônica na imaginação, Gaston organiza a obra em oito capítulos, a citar: I. As águas claras, as águas primaveris e as águas correntes. As condições objetivas do narcisismo. As águas amorosas; II. As águas profundas — As águas dormentes — As águas mortas. "A água pesada" no devaneio de Edgard Poe; III. O complexo de Caronte. O complexo de Ofélia; IV. As águas compostas; V. A água maternal e a água feminina; VI. Pureza e purificação. A moral da água; VII. A supremacia da água doce; VIII. A água violenta.

Gaston começa a sua abordagem traçando duas linhas distintas no que toca a capacidade imaginativa do artista. A primeira encontra "seu impulso na novidade", ou seja, refere-se a capacidade de o artista se surpreender com os fenômenos externos provocados pela natureza (o pitoresco); a segunda linha ou força imaginativa refere-se aos atos criativos que brotam do interior do sujeito-criado. Contudo, acredita haver obras em que as duas obras atuam juntas.

Filosoficamente, distingue a imaginação formal da imaginação material e, ao meditar sobre o conceito de beleza, considera haver "carência da causa material na filosofia estética", pois, "uma doutrina filosófica da imaginação deve antes de tudo estudar as relações da causalidade material com a causalidade formal", ou seja, a matéria pode determinar a forma da obra, o que leva à conclusão de que ambas se dão simultaneamente: a imaginação formal e a imaginação material. Os quatro elementos (o fogo, o ar, a água e a terra), na linha de pensamento do autor, estão intrinsecamente associados à concretização material dos objetos que se configuram como devaneios no processo de criação literária ou artística.

Essa relação entre os elementos da natureza e a psique humana evidencia-se em Jung (1985), que os compreende como uma metáfora alquímica que visa elucidar o processo de formação e de integração da psique humana. Por via das suas propostas teóricas, esclarece que o consciente conhece quatro modos essenciais de percepção, cada um dos quais desempenhando uma função diferente: a função do pensamento, que está relacionada ao ar; a função do sentimento, que se relaciona diretamente com a água; a função da sensação, ligada à terra; e a da intuição, que se relaciona com o fogo.

Segundo Gaston "para que um devaneio tenha prosseguimento com bastante constância para resultarem uma obra escrita, para que não seja simplesmente a disponibilidade de uma hora fugaz, é preciso que ele encontre sua matéria" para determinar a sua poética, entendida como as leis que regem o processo de criação para

se chegar a tão desejada forma singular que evidenciam carreiras artísticas e eternizam artistas.

Em intertextualidade com Drummond de Andrade que adverte ao poeta iniciante, entre outras coisas, a “não fazer versos sobre acontecimentos”, por formas a evitar a “evasão lírica”, no seu icónico poema intitulado “Procura da Poesia”, Gaston (1989, p.1-2) adverte que “é necessário que uma causa sentimental, uma causa do coração, se torne uma causa formal para que a obra tenha a variedade do verbo, a vida cambiante da luz.

Uma das discussões interessantes, dentre as várias levantadas por Gaston neste livro, *A Água e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria*, é a sobre a oposição entre a água salgada (mar) e a água doce (rio) e que muito interessa à realidade antropológica angolana é sobre a capacidade de criação de mitos para os povos que vivem nas costas em comparação aos povos que vivem nas margens dos rios. Essa visão é apadrinhada por Gaston (Ibidem, p.15) quando afirma que “em ligação com esse problema de pureza ontológica, pode-se compreender a supremacia, que todos os mitólogos reconheceram, da água doce sobre a água dos mares”.

Entretanto, os ilhéus, assim considerados aqueles que povoam geograficamente e culturalmente a Ilha de Luanda, principal espaço de ação da narrativa em análise, são um dos maiores guardiões de memórias de que Angola dispõe. A sua capacidade de criar mitos e preservar as tradições herdadas dos ancestrais impressiona e desafiam muitos povos que vivem nas margens dos rios, partindo do mito da Kianda aos rituais de alimentação de sereias. O mesmo acontece com os povos pesqueiros que vivem na costa da província de Namibe que, dentro da sua cosmovisão africana sem influências do racionalismo cartesiano, acreditam que quando não se realizam as famosas “Festas do Mar”, as sereias enervam-se e a cidade é afetada por sucessivas ondas de Calemas. Contudo, a verdade é que, com alguma coincidência, esses acontecimentos se dão sem explicação material para o efeito.

Por conseguinte, como o principal objetivo deste trabalho é aplicar os princípios de Gaston Bachelard ao conto “Náusea”, servir-nos-emos dos capítulos II e VIII que tratam os temas sobre as propostas teóricas expostas respectivamente em a psicologia das “Águas Profundas” e das “águas Violentas” para interpretá-lo, pois, o mar, “kalunga” incide psicologicamente sobre o protagonista como várias formas de violências.

3.Psicocrítica ao Conto Náusea

Se buscarmos pela biografia de Agostinho Neto, duas referências são mais destacadas: poeta da geração Mensagem de orientação marxista e primeiro presidente da República de Angola independente. Dificilmente alguém o apresentaria como prosador.

Náusea é, segundo os registros históricos, a única narrativa literária de Agostinho Neto, pelo menos do ponto de vista ontológico-conceitual, no âmbito das categorias modais (narrativa, lírica e dramática) sem os hibridismos possíveis. Referimo-nos a “*Náusea*” não como um pequeno conto, e sim como um conto pequeno de infinita grandeza, pelas suas virtualidades intrínsecas: uma curta narrativa de enredo aparentemente simples que, em termos de resumo, dar-nos-ia em não mais do que cinco linhas dum parágrafo como podemos observar abaixo:

Certa manhã, velho João sai com a família da Samba para a Ilha de Luanda a fim de visitar o irmão adoentado. Depois do almoço, vai à praia com o sobrinho e, ao apreciar o mar, tem uma série de recordações nostálgicas, o cheiro do mar provoca-lhe náuseas e vomita todo o almoço.

A grandeza duma narrativa reside, certamente, na destreza com que os prosadores articulam o discurso, criando enredos complexos com toques de magia e na capacidade de dizer múltiplas coisas em parágrafos que, para além da expressão artística, configuram expressões filosóficas. “*Náusea*” não é uma simples narrativa apesar da sua curta extensão. É um conto de denúncia, escrito num período de opressão. A opressão exige estratégia; a estratégia, mestria. Agostinho Neto, em “*Náusea*”, serve-se genialmente das possibilidades alegóricas do mar para denunciar os atos hediondos cometidos pelo colono português e alertar os seus símiles.

Se o mar, para o ocidente, representado pelo então “Império Colonial Português”, é, segundo as suas literaturas de exaltação, sinónimo de descobertas, aventura, bravura, conquistas, para o autor de “*Náusea*”, representa a porta de entrada do grande mal (o colonialismo), bem como o princípio das grandes transformações infraestruturais e culturais (... *não ... a mesma ilha dos tempos antigo*) que mexeram estruturalmente com as dimensões psicológicas, antropológicas e filosóficas dos povos africanos que constituíram o território angolano. Agostinho Neto terá escrito “*Náusea*”, de forma subtil, como forma de denunciar as atrocidades da era colonial, como a exclusão social, a exploração do negro e outros fenómenos psicossociais, que geralmente se configuram como os pressupostos básicos da literatura engajada.

O título “*Náusea*” explicita o estado de espírito do povo consciente em relação ao contexto adverso. Quem, nas vestes de colonizado, não sentiria “nojo” e “repugnância” por aqueles que o têm cativo? Essa “náusea”, semanticamente, encerra dois sentidos:

(i) *Náusea pelo passado emanado*, metaforicamente, pelas ondas do mar, trazendo à memória do protagonista a chegada do colono e o tráfico de escravos: “Depois vieram os navios, saíram navios. F. o mar é sempre Kalunga. A morte. O mar tinha levado o avô para outros continentes. O trabalho escravo é Kalunga. O inimigo é o mar.”

(ii) **Náusea pelo duro presente que persistia doloroso**, revelando um enorme fosso social entre colonizadores e colonizados: “As casas de latas de petróleo, lá do Samba Kimôngua, deixam passar a água quando chove. A civilização ficou embora ao pé da praia, a viver com Kalunga. E Kalunga não conhece os homens. Não sabe que o povo sofre. Só sabe fazer sofrer.”

O narrador, quanto à presença, é heterodiegético e tem um foco onisciente, pois, consegue penetrar no inconsciente do velho para dizer o que ele sente e viveu no passado. O narrador descreve um meio ambiente transformado pela ação humana, diferente doutros tempos, uma Ilha em que já não se vê areia nem pescadores. A narrativa está centrada na contemplação e interpretação do velho João ante o mar. Velho tem uma visão depreciativa e hostil do mar, o kalunga ou morte. Tal visão terá nascido provavelmente de acontecimentos precedentes, como a morte do seu primo Xico.

Parece haver um pano de fundo sobre o mar em *Náusea*, na visão do velho João. Já que mar é kalunga, a morte, então, velho terá equiparado o trabalho de escravo a este espaço que acolhe outros seres e que servem como recursos para o próprio, mas que também representa um perigo constante a quem dele se aproxima. Ao lexema “Kalunga”, do Kimbundo, morte, mar, perigo; no conto, amplia-se-lhe a sua extensão semântica, porém, sempre próxima da ideia de “morte”, significando “sofrimento” (o *trabalho escravo é Kalunga*); “assassinato” (*Kalunga matava e o povo ia chorar*); “opressão” (*Kalunga acorrentou gente nos porões*); “desgraça” (*Kalunga é a fatalidade*).

Se há um romance psicológico ou um romance de personagem, e se a distinção que se fizer entre conto, novela e romance for apenas quantitativa; sendo o conto também narrativa, todavia de pouca extensão, poder-se-ia falar dum conto psicológico ou eventualmente dum conto de personagem?

Tratar-se-ia dum conto de forte pendor psicológico, na medida em que o protagonista de “*Náusea*” vive um conflito interior bastante denso, sendo que estes eventos se resumem na revisitação do passado nostálgico que o persegue, trazendo para o presente reminiscências dolorosas. Além disso, quase toda a trama remete-nos aos pensamentos de Velho João que “monologava intimamente” e termina com o sobrinho que “ia pensando na mania que os velhos têm de beber demais”. Trata-se dum conto cujo

espaço principal é o interior do protagonista e o narrador interpõe frequentemente recurso à analepse para poder explicitar as experiências destas.

Poder-se-ia ainda falar, eventualmente, dum conto de personagem, porque todo o evento gira em torno duma só figura, velho João. Porém, se por abstração usamos o sintagma “conto de personagem” como equivalente de “romance de personagem⁵”, o título não justificaria tal taxonomia, pelo fato de, geralmente, coincidir com o nome da personagem principal (?). Não se trata dum conto com um universo diegético povoado por muitas personagens. São fundamentalmente três os intervenientes direto da diegese, e não duas como apontam os outros críticos que se propuseram a abordar a obra que ora estudamos: velho João, o protagonista, representando o passado, e seu sobrinho, o presente.

A outra personagem sobre a qual nos referimos resulta da personificação de Kalunga, a qual, por via da metáfora, nos termos de Aristóteles, que a definiu como “a transposição do nome de uma coisa para outra (...) por via de analogia”, ora representa os perigos do mar ora o colono e por ocupar um maior espaço ao longo da diegese, é, na verdade, o deuteragonista⁶; o antagonista do povo angolano, representado simbolicamente pela personagem tipo velho João. O narrador refere-se à família e ao irmão adoentado como simples figurantes, personagens descartáveis, elementos paisagísticos que permitem a fluência do enredo, citando-os uma única vez.

“Náusea”, no âmbito da psicocrítica, daria muitas páginas de análise. No entanto, como já admitimos, em termos taxionómicos, poder tratar-se também dum “conto de personagem”, a nossa abordagem psicanalítica cingir-se-á em velho João. A terceira idade é a etapa do curso de vida em que as alterações significativas, nos diferentes sectores da existência humana, mais se evidenciam. Velho João trazia consigo um somatório de perdas acumuladas, sendo a mais gritante a morte dramática da “primeira mulher” que “morreu após o parto, a cheirar mal”. Não menos dramática terá sido a morte de “primo Xico ... sobre o mar quando a canoa se virou ali no mar grande. Morreu a engolir água”. Sente-se claramente o elevado grau de melancolia na forma com que o

⁵ Vítor Aguiar E Silva, Teoria da Literatura. Pág. 685: Romance de personagem caracterizado pela existência duma única personagem central. O título é (...) constituído, com muita frequência, pelo próprio nome da personagem.

⁶ Segundo Aguiar e Silva, em Teoria da Literatura, deuteragonista é Personagem secundária mais relevante.

narrador se refere à morte de “Xico” através do monólogo interior indirecto⁷ de velho João, evocando imagens fortes de um afogamento.

É por demais sabido que a perda de um ente querido constitui um dos eventos de vida mais stressantes, podendo afetar não só o bem-estar psicológico como também o físico e o social. Tomando o texto literário como a configuração de um universo possível, com personagens que têm uma vida e existência material equiparáveis aos sujeitos reais, nos termos do DSM5⁸, em termos psicopatológicos, poderíamos entender o velho João como um paciente que padece de “Transtorno de luto complexo persistente”.

Segundo Alves (2014), “tradicionalmente, a tristeza do luto estende-se por um ou dois anos” e velho João, tendo já constituído uma família, transportava, sintomaticamente, a dor de ter perdido a primeira mulher de forma dramática por muito tempo. Aparentemente, consegue viver com alguma normalidade psíquico-social, pelo fato de ter uma vida social e afetiva que o permitissem camuflar o seu estado psíquico real. Tal fato é possível se compreendermos como Alves (2014) que o traço mais característico do luto “não é a depressão profunda, mas episódios agudos de sofrimento, com muita ansiedade e dor psíquica”. Assim sendo, velho João, que acumulava um conjunto de perdas significativas, entre as quais a morte da primeira mulher (*tão tristes como o dia que a primeira mulher morreu após o parto, a cheirar mal*) pode preencher um quadro clínico com as características seguintes:

- (i)Preocupação com a maneira como a pessoa morreu e dificuldade com a memória positiva a respeito do falecido: (*o dia em que a primeira mulher morreu após o parto, a cheirar mal e a morte do primo Xico ... sobre o mar quando a canoa se virou ali no mar grande. Morreu a engolir água.*);
- (ii)Lembranças angustiantes do falecido: (*O mar tinha levado o avô para outros continentes*);
- (iii)A pessoa, muitas vezes, busca evitar sentimento de vazio através de encontros casuais: (*Depois do almoço, um bom almoço em boa paz familiar, onde tudo se esqueceu*);
- (iv)Pode-se experimentar diversas queixas somáticas como digestivas, dor e fadiga: (*Sentiu náuseas. Não podia mais. Vomitou todo o almoço*).

Em termos psicossociais, no domínio da recepção literária, “Náusea” configura um universo diegético muito mais amplo do que se pode parecer nas vestes dum leitor comum. Velho João encerra um povo sofredor, cansado, com vontade de se livrar

⁷ Monólogo interior indirecto - diferencia-se do monólogo interior directo pelo facto de que a psique do personagem é desvendada pela intervenção do narrador, que, em terceira pessoa, descreve, analisa e comenta o que se passa na consciência do personagem.

⁸ DSM (Diagnostic Statistical Manual.) Manual Diagnóstico E Estatístico De Transtornos Mentais da Associação Americana de Psiquiatria.

daquele presente envenenado, por isso, ao olhar para a realidade, sente “Náuseas” e vomita. E hoje, o que sentimos nós angolanos?

3.A Psicanálise da água em “ Náusea”

A teoria da Psicologia das “Águas Profundas” do capítulo II: “As Águas profundas – As Águas Dormentes – As Águas Mortas. “A Água Pesada” no Devaneio de Edgar Poe” e a teoria da ‘Psicologia “das águas violentas”, descrito no 8º capítulo do livro “A Água e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria” de Gaston Bachelard serão os nossos veículos de leitura para a explicitação do conto “Náusea” de Agostinho Neto neste capítulo.

Bachelard Gaston (1988, p.178) considera que a psicologia da cólera como uma das mais ricas e das mais matizadas. “Vai da hipocrisia e da covardia até o cinismo e o crime. A quantidade de estados psicológicos a projetar é muito maior na cólera que no amor. As metáforas do mar feliz e bondoso serão pois muito menos numerosas que as do mar cruel”. Essa beleza que decorre do paradoxo da dor, do sofrimento, da angústia é que faz de *Náusea* uma das mais belas obras de Agostinho Neto. Aplicando a perspectiva Bachelardiana, *Náusea*, apesar de ser um conto muito curto é profundo como o mar que o gerou e encerra mistérios que devem ser interpretados à luz das teorias literárias e psicológicas.

O animismo e a personificação são figuras de estilos que acompanham a narrativa de Agostinho Neto, em que o “mar” surge como um elemento com vida e vontade próprias tal como em Gaston (1988, p.191) que compreende esse animismo como algo que, de facto, “realmente anima, de um animismo todo em detalhe, todo em finura que reencontra com segurança no mundo inanimado todos os matizes de uma vida sensível e voluntária, que lê a natureza como uma fisionomia humana móvel.” Gaston (1988) acreditava que a crítica literária do passado não dava a necessária atenção, aos elementos reais das imagens. Por isso, neste trabalho prestará atenção às imagens das descrições que são fontes de informação.

Já se referiu aqui algumas vezes que em Agostinho Neto, em “Náusea”, o “mar”, no consciente do protagonista, simboliza a “morte” e a morte é encarada por este como o fim da humanidade do ser, portanto com sofreguidão. Contudo, em Gaston no Capítulo II: “As Águas profundas – As Águas Dormentes – As Águas Mortas. “A Água Pesada” no Devaneio de Edgar Poe”, conclui que “ o humano, em Poe, é a morte. Descreve-se uma

vida pela morte” (p.48), contrastando dialecticamente com esta ideia fatalista de Velho João.

“Toda água viva é uma água cujo destino é entorpecer-se, tornar-se pesada. Toda água viva é uma água que está a ponto de morrer”. (Bachelard, 1989, p.49) Velho João, ao visitar a memória ao “cair com o sobrinho, a arrastar os pés pela areia quente da praia, deixando-se mesmo molhar, com uma alegria infantil, por uma ou outra onda mais comprida” é assombrado por imagens devastadoras de perda que se constituem como “devaneio em forma de luto interminável”, reforçando a visão bachelardeana que “contemplar a água é escoar-se, é dissolver-se, é morrer” (Ibidem). Este estado de mudanças psíquicas brusca,

Mas se fosse agora! Ficaria embora na ilha; a pescar e a sentir o mar.
De repente olhou para longe e disse ao sobrinho, estendendo o braço:
– O mar. Mu'alunga!

(...)

Velho João já olhava de novo a areia e monologava intimamente. Mu'alunga. O mar. A morte. Esta água salgada é perdição.

(Agostinho Neto, *Náusea*)

que ocorre na consciência do protagonista ao visitar profundamente o marulhar do seu passado que ora o leva a “águas tranquilas” ora a “águas negras” encontra a sua melhor explicação quando Gaston (ibidem, p.49) refere que,

o devaneio começa por vezes diante da água límpida, toda em reflexos imensos, fazendo ouvir uma música cristalina. Ele acaba no âmago de uma água triste e sombria, no âmago de uma água que transmite estranhos e fúnebres murmúrios. O devaneio à beira da água, reencontrando os seus mortos, morre também ele, como um universo submerso. Gaston (ibidem, p.49).

“Água silenciosa, água sombria, água dormente, água insondável”, são, para Bachelard, “lições materiais para uma meditação da morte”. Contudo, não considera ser “a lição de uma morte heraclitiana, de uma morte que nos leva para longe com a corrente, como uma corrente. É a lição de uma morte imóvel, de uma morte em profundidade, de uma morte que permanece conosco, perto de nós, em nós” (Bachelard, 1987, p.72). Por consequência, para Velho João, o mar será exactamente esse lugar que melhor descreve a metafísica da morte nas suas múltiplas manifestações, “o mar” para o protagonista é descrito como “o inimigo”, “é sempre Kalunga. A morte”, mesmo quando é apenas um lugar de passagem para outros pontos:

Esta água salgada é perdição. O mar vai muito longe, por aí fora, até tocar o céu. Vai até a América. Por cima, azul, por baixo, muito fundo, negro. Com peixes, monstros que engolem homens, tubarões. O primo Xico tinha morrido sobre o mar quando a canoa se virou ali no mar grande. Kalunga.

Depois vieram os navios, saíram navios. **E o mar é sempre Kalunga. A morte. O mar tinha levado a avô para outros continentes.** O trabalho de escravo é kalunga. **O inimigo é o mar.** (Agostinho Neto, *Náusea*)

Para Gaston, a água violenta é um dos primeiros esquemas da cólera universal. E justifica que não há epopeia sem uma cena de tempestade. Tal tempestade é descrita em *Náusea* em forma de animismo, pois, como entende Gaston (*idem*, 182) “o mar tem uma raiva animal, uma raiva humana”: Velho João lembrou-se que umas vezes o mar estava muito furioso, mas ninguém se levantou contra ele.

Em *Náusea*, a reação das personagens parecem ir contra a cultura de enfrentamento a que Gaston se refere quando cita Georges Lafourcade: “O mar é um inimigo que tenta vencer e que é preciso vencer; essas vagas são golpes que precisamos afrontar” (Gaston, 1988, p. 174). “O *salto no mar* reaviva, mais que qualquer outro acontecimento físico, os ecos de uma iniciação perigosa, de uma iniciação hostil. É a única imagem exacta, razoável, a única imagem que se pode viver, do *salto no desconhecido*” (*idem*, p.72). O “mar” é descrito em “*Náusea*” nos termos como Gaston descreve no oitavo capítulo, “A água violenta”. Assim, o “mar” representa, muito mais do que o perigo, a própria morte:

muito fundo, negro. Com peixes, monstros que engolem homens, tubarões. O primo Xico tinha morrido sobre o mar quando a canoa se virou ali no mar grande. Morreu a engolir água. Kalunga. Depois vieram os navios, saíram navios. O mar é sempre Kalunga. A morte. O mar tinha levado o avô para outros continentes. O trabalho de escravo é Kalunga. O inimigo é o mar.

Contudo, apesar de todas as adversidades, apesar de todos os problemas derivados do mar, velho João, o protagonista da narrativa, mantém-se vivo e, como um bom marinheiro, enfrenta os seus lutos olhando para o causador: “Mas o orgulho sempre se excita da mesma forma diante da vaga que foge. Tudo o que foge diante de nós, ainda que seja uma água inerte e sem vida, nos torna valentes” (Gaston, 1988, p. 183).

Segundo Gaston (*idem*, p.139), “a água se oferece pois como um símbolo natural para a pureza; ela dá sentidos precisos a uma psicologia prolixa da purificação”. Em *Agostinho Neto*, o “mar” é descrito de várias maneiras, mas sempre com um valor negativo, mesmo quando se refere a modernidade que agrega valores quando diz que esta “trouxe o automóvel e o jornal, a estrada e o fecho éclair, mas para ficar embora ali na praia para fazer negaças e o cheiro do mar fazia-lhe mal”.

Conclusão

Mediante os fatos expostos, compreendemos que, o texto literário, embora seja um texto artístico e estudado dentro do domínio literário, pode perfeitamente ser interpretado com o auxílio de outros campos categoriais. Em virtude desse postulado, encontramos na psicologia um conjunto de ferramentas teóricas e conceptuais importantes para o processo de interpretação literária, fornecendo ferramentas adequadas para análise científica do comportamento de velho João, o protagonista do conto *Náusea*, analisado por nós à luz dos princípios teóricos estabelecidos por Gaston Bachelard em a teoria da psicologia das “Águas Profundas” e a teoria da “Psicologia das águas violentas”, do livro “A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria” reforçado pelo DSM5 na análise geral da obra.

Agostinho Neto e Gaston Bachelard complementam-se por via de *Náusea* e da teoria da “A água violenta” pois esta é para nós a proposta teórica que melhor explica a natureza marinha do conto. Foi possível abordar o conto à luz da psicocrítica, por ser de forte pendor psicológico, pois o protagonista de “*Náusea*” vive num espaço psicológico denso que permitiu preencher quase que na íntegra um dos quadro patológico descrito no DSM5. O imaginário do africano colonizado é povoado de muitos paradoxos e sentimentos mistos que o levam a atribuir novos significados às coisas por força da consciência colonial que o levou a redefinir filosoficamente princípios que mexem com a sua dimensão antropológica. Assim velho João cujo inconsciente, fruto de diferentes eventos traumáticos que se desenrolam patologicamente como luto prolongado, ressignifica, de forma negativa, o mar de várias formas, a partir de uma abordagem psicocrítica que nos permitiu inferir que a relação entre a Psicologia e a Literatura é de complementaridade e que a Psicologia fornece melhor cientificidade à Crítica Literária na abordagem dos fenômenos que conformam a vida interior das personagens.

As hipóteses à pergunta de partida, como era expectável, acabaram por se confirmar. O imaginário africano é historicamente povoado por eventos traumáticos e o “mar”, “Kalunga”, foi a porta de entrada do colonizador e a saída em massa de um número significativo da população negra. Com efeito, é natural que o conteúdo semântico do “mar” remeta para vários fatos.

Referências

ALVAREZ FERREIRA, A. E. (2013). *Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos Bachelardianos* [livro eletrônico] /Agripina Encarnación Alvarez Ferreira. –

Londrina : Eduel,. Disponível em: <http://www.uel.br/editora/portal/pages/livros-digitais-gratuítos.php>ISBN 978-85-7216-700-0. Acesso em: 11 dez. 2021.

ALVES, T. M. (2014). *Formação de Indicadores para a psicopatologia de luto*. São Paulo: Faculdade de Medicina de São Paulo.

American Psychiatric Association (2014). *DSM-5@Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais*. Trad: Maria Inês Corrêa Nascimento... et al., Porto Alegre: Artmed.

ARISTÓTELES (s/d.). *Arte retórica e poética*. Rio de Janeiro: Ediouro.

BACHELARD, G. (1989). *A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria*. Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martin Fontes.

BERGEZ, D. (1997). *Métodos críticos para a análise literária*. Trad. de Olinda Maria Rodrigues Prata. São Paulo: Martins Fontes.

Jung, C. G. (1985). *Fundamentos da psicologia analítica*. 3. ed, Petropolis: Vozes.

MARINI, M. (1997). *Métodos críticos para a análise literária*. Trad. de Olindina Maria Rodrigues Prata. São Paulo: Martins Fontes.

NETO, A. (2016). *Náusea*. Em: *Pássaros de Asas Abertas: Antologia de Contos Angolanos*. Luanda: União dos Escritores Angolanos.

REIS, C. (1995). *Conhecimento da Literatura: Introdução Aos Estudos Literários*. 2.ed. Lisboa: Almedina.

SILVA, V. Manuel de Aguiar (2010). *Teoria da Literatura*. 8.ed. Coimbra: Almedina.

SIMBAD, H. (2018). Uma abordagem psicocrítica à obra *Náusea*. *Revista Cultura* 29/8-10/9. nº168. Ano VI. p. 7-8.

Wellek, R. & Warren, A. (2003). *Teoria e metodologias dos estudos literários*. Trad. Luís Carlos Borges. São Paulo: Martins Fonte.

Recebido em: 11/10/2021

Aceito em: 11/12/2021

Para citar este texto (ABNT): SIMBAD, Hélder. Um olhar Bachelardiano a *Náusea* de Agostinho Neto. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.1, nº Especial, p.133-148, dez. 2021.

Para citar este texto (APA): Simbad, Hélder. Um olhar Bachelardiano a *Náusea* de Agostinho Neto. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 1(Especial):133-148.